

## Teatralizando a literatura: ludicidade com afeto e criatividade em sala de aula

Priscila Peixinho Fiorindo<sup>1</sup>  
Ney Wendell<sup>2</sup>

*A mente humana é um grande teatro. Seu lugar não é na plateia, mas no palco, brilhando na sua inteligência, alegrando-se com suas vitórias, aprendendo com as suas derrotas e treinando para ser a cada dia, autor da sua história [...].!*

Augusto Cury

**Resumo:** O artigo trata das experiências teóricas e práticas na disciplina “Literatura Infanto-Juvenil” ministrada no Programa do Mestrado Profissional em Letras/PROFLETRAS, da Universidade do Estado da Bahia/UNEB, *Campus V*, em Santo Antônio de Jesus – BA, no primeiro semestre de 2017. O objetivo, aqui, é mostrar uma proposta de intervenção teatral, em sala de aula, como elemento chave para aquisição do conhecimento literário infantil e juvenil. O relato transcreve um processo de encenação, a partir da necessidade do uso da criatividade, para que a aula seja interessante não só para o mestrando/docente, mas, principalmente, para os discentes do Ensino Fundamental II. O texto apresenta ricas possibilidades do aprender fazendo traduzido nas experimentações do gênero literário dramático, do criar através de teatralidades que ajudam a reler criativamente o real e o ficcional e de construir produtos pedagógicos pela dinâmica do encenar conteúdos. Os resultados mostram que, no momento da encenação, devido ao estímulo da prática lúdica, com a expressão emocional e corporal, há uma riqueza da manifestação criativa do imaginário através dos personagens, das histórias e dos elementos visuais. A integração da teoria e da prática é revista pelo teatralizar em que o mestrando se coloca no lugar do outro, se percebendo como criador, e, conseqüentemente, como ser sensível e ser solidário para atender às demandas do conteúdo programático de forma lúdica, divertida, prazerosa e que realmente tenha sentido para ambos, docente e discente.

**Palavras-chave:** Literatura. Teatro. Estratégia pedagógica. Ensino Fundamental II.

### Ser e ter: afeto e criatividade no ensino

No contexto atual de crise, em que as relações humanas, ressaltando aqui professor/aluno, tornam-se fragilizadas, comprometendo o processo ensino-aprendizagem, faz-se necessário, urgentemente, desenvolvermos formas criativas de ensinar e aprender para que o processo pedagógico ocorra de maneira efetiva, não só em relação ao conteúdo programático, mas também, privilegiando o “ser” do educador e o “ser” de cada aluno.

Nesta perspectiva, não basta, apenas, o professor “ter” o conhecimento teórico, mas é preciso “ser” para solucionar os impasses surgidos na aprendizagem dinâmica dos conteúdos

---

<sup>1</sup> Professora da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), *Campus V*, onde atualmente é coordenadora e docente permanente do Mestrado Profissional em Letras/PROFLETRAS (UNEB).

<sup>2</sup> Professor da Faculté des Arts Université du Québec à Montréal (UQÀM), atua em Arte-Educação, arte em grupos educativos, teatro terapêutico, planejamento educacional, gestão social, saúde pública e psicologia do desenvolvimento humano.

pelo aluno. E para tanto, o caminho do educar com maior valorização do agir e do experimentar é uma solução, que deve ser lúdica e sensível, a fim de estimular o aprendiz para que ele se torne sujeito de seu próprio criar/dizer/fazer e, ao mesmo tempo, tenha autonomia para se posicionar criativamente diante das diversas situações cotidianas.

Para se refletir sobre este “ser” e “estar” em sala de aula de forma dinâmica é importante amplificar o potencial das relações humanas através da ludicidade. A abordagem sobre a prática lúdica parte da necessidade de se trabalhar, simultaneamente, dois aspectos no processo do ensino-aprendizagem: afetividade e criatividade.

Conforme Mosé (2010), a escola não trata dos temas como amor, morte, vida, que são relevantes para a reflexão humana e imprescindíveis para uma educação integral, ou seja, uma educação voltada não só para os aspectos intelectuais, mas, principalmente, para os aspectos emocionais e psicossociais na formação do caráter do sujeito social. Isto acontece, pois, o ensino, ainda hoje, é voltado para o mercado de trabalho e não para o dia a dia e para a convivência com o outro. Nesta focalização da convivência como fator transformador, é fundamental observar a afetividade na relação docente/discente.

De acordo com teóricos, não há uma única definição para o conceito de afetividade, mas, geralmente está relacionada às emoções e aos sentimentos. As emoções são expressões afetivas ocasionadas por um fato inesperado e que reagem no corpo humano de diferentes formas – como a alteração dos batimentos cardíaco, sudorese, mudança na cor da face entre outras manifestações. Enquanto os sentimentos são duradouros e não acompanham reações orgânicas tão intensas.

Tanto os sentimentos quanto as emoções fazem parte da afetividade humana e são importantes elementos do desenvolvimento psíquico, pois estão presentes em todos os momentos da vida e são necessários para a construção de vínculos sociais e, principalmente, para o vínculo entre professor e aluno. Wallon (2005) afirma que a afetividade é crucial para o desenvolvimento da criança e que a vida psíquica do ser humano é composta pelas dimensões afetiva, motora e cognitiva, as quais atuam de forma conjunta.

Numa complementação destes estados afetivos que geram o aprender lúdico, encontramos a criatividade como um caminho possível para trabalhar as emoções e sentimentos num processo de extroversão do potencial humano, auxiliando na harmonização das relações no contexto de aprendizagem. E para tanto, nos apoiamos em Rogers (1961), na

perspectiva Humanista, que considera a criatividade como a tendência do homem para se autorrealizar.

Por isso o aluno necessita criar e ser estimulado pelas habilidades criativas dos professores, em uma atmosfera afetiva para se concretizar a ludicidade na prática pedagógica.

Acreditamos desta forma, que a instituição escolar não quer mais modelos arcaicos de formas fechadas e não dinâmicas de ensinar e aprender, que não possibilitam aberturas para experimentar a descoberta de cada conteúdo com prazer e interesse pelo saber. O uso de elementos criativos e afetivos geram uma ludicidade que estimula o aluno, no decorrer das atividades em classe, e contribui para que ele aprenda experimentando com sentimentos e emoções aquilo que está sendo trabalhado.

### **Experimentando literaturas...**

Conforme Bosi (1994), a literatura corresponde aos acontecimentos socioeconômicos, políticos e sociais de cada época, retratados nas diferentes correntes literárias de forma artística, criando condições que possibilitam ao leitor fazer reflexões do senso crítico através da leitura e análise de obras literárias e de autores que ressaltam a formação sócio-econômico-político-cultural de um povo.

Coelho (1966) afirma que a literatura é a vida transformada em palavras e para esse processo acontecer recorreremos ao imaginário, fundamental, pois nós vivemos muito mais pelo simbólico do que pela ação concreta.

Vale lembrar que a literatura não faz o homem melhor e nem pior; mas o humaniza em sentido profundo, porque o faz viver com todas as contradições e vicissitudes que a vida oferece. Portanto, “negar a fruição da literatura é mutilar nossa humanidade” (CÂNDIDO, 1995, p. 235). Nesta vertente, o texto literário não tem um sentido pré-determinado, ele é, antes, um campo de possibilidades.

Sobre a Literatura Infantil e Juvenil que se referem às obras voltadas para crianças e jovens aprendizes, há uma discussão quanto o que realmente seja essa área do conhecimento. Segundo Makarenko (1960), o objetivo da literatura infantil é tanto educativo quanto humanista, na medida em que os conteúdos abordados sirvam como exemplos de comportamentos para as condutas comportamentais das crianças, mas não no sentido moralista.

Nas aulas de Língua Portuguesa, no Ensino Fundamental II, a literatura deve ser ofertada de forma dinâmica, ressaltando sobre a necessidade de se trabalhar com os diversos gêneros, escritos e orais, na aquisição do conhecimento, a fim de criar e recriar a partir de diferentes repertórios linguísticos e discursivos.

Nesta vertente, o texto literário pode ser apresentado em diversos gêneros, tais como mitos e lendas, contos fantásticos e maravilhosos, mistério e terror, histórias em quadrinhos, diários e memórias, poesia, teatro...

Diante desta diversidade de gêneros, privilegiamos aqui a experiência com o gênero teatro, enquanto estratégia pedagógica no Ensino Fundamental II. Neste sentido, o teatro em sua relação direta com o ensino da literatura é um gênero que integra, em seus elementos de jogos cênicos e dramáticos, a ludicidade, o afeto e a criatividade. Além disso, a linguagem teatral nas suas variadas formas de dramatização, possibilita que as palavras e a riqueza dos elementos textuais ganhem vida nos personagens e no conjunto dos elementos teatrais no momento da encenação. O texto teatral abre esta oportunidade ao aluno de experimentar o falar, o gesticular, o sentir expressando as palavras em seus sentidos e conflitos, aprendendo pela experiência viva do palco. Logo a teatralidade na sua relação direta com a Literatura Infantil e Juvenil, mostra o imaginário da cena como ação concreta, em que o aluno aprende vivenciando as histórias e os personagens.

### **Vivenciando teatralidades**

A prática teatral possibilita que o aluno tenha um espaço de criar com expressões emocionais e corporais em que a ludicidade se instala naturalmente. É o experimentar/vivenciar, um conteúdo específico através da teatralidade do real, que leva o aluno a aprender através de uma história dramatizada, de um personagem ou movimentos corporais que surgem da ficção. Este viver corporalmente e emocionalmente a ficção mobiliza o aluno a estar mais livre para se expressar e mergulhar no conteúdo, numa dinamicidade, que anima e dá prazer.

Para Boal ( 2003, p. 67), “o teatro oferece uma descarga inofensiva e agradável, para os instintos que exigem satisfação e que podem ‘na ficção do teatro ser tolerados muito melhor do que na vida real’”.

Ao pensar o teatro enquanto gênero literário, nos apoiamos em Costa (2008, p. 146) que o define como:

Texto escrito ou encenado em que os diálogos são os que mais bem imitam as situações reais. Nelas os personagens conversam entre si para dar ao espectador a sensação de estar dentro da cena. Na peça de teatro não existe a figura do narrador, apenas os diálogos e as rubricas, que orientam o leitor ou o diretor sobre a montagem da cena, o figurino usado pelos personagens e a entonação da voz, por exemplo. A maneira como as coisas são ditas permite ao leitor fazer inferências sobre as características de cada personagem e compreender os conflitos da trama.

Esta dimensão do imaginário se amplifica ainda mais no texto teatral infantil, pois a criança solicita uma exploração maior no mundo da imaginação livre e mutante. Uma história para criança é contada, no palco, com o foco maior na magia de transformar a cena em vários mundos diferentes, ou seja, é uma viagem metafórica por vidas e lugares em que é possível os personagens experimentarem no agir e no sentir, ao vivo, diante dos olhos da criança que assiste.

Segundo Guénoun (2004, p.147-148), “[...] há teatro por necessidade dos homens de jogar. [...] Só o teatro faz isto: só ele lança o poema para diante de nossos olhos e só ele lança e entrega a integridade de uma existência”. Nesta perspectiva, os alunos têm a oportunidade de viver a experiência de construir a “existência” de um lugar fictício, a “existência” de um personagem e brincar com outra vida imaginária que é originada no texto teatral.

Pelo fazer teatral, existem múltiplas teatralidades a partir de histórias reais ou inventadas no cotidiano concreto ou no imaginário infinito. Neste sentido, podemos pensar em algumas estratégias de elaboração de uma peça – *criação original*, em que os alunos desenvolvem uma história nova, que pode ser encenada com o texto decorado ou as falas podem ser improvisadas; *adaptação* – os alunos podem ter acesso a um conto fonte ou outro e pode ser apresentado no palco; e *encenação* – escolha de uma peça teatral já escrita para ser encenada. Aqui os grupos optaram pela criação original, a partir de textos literários infantis.

### **Experimentando memórias em cena**

Descrevemos, aqui, uma experiência concreta com estas ricas possibilidades de experimentar literatura e teatralidades com acadêmicos da área de Letras. Então, após as aulas teóricas e práticas, na disciplina de Literatura Infantil e Juvenil, ministradas, no primeiro semestre de 2017, na turma do Mestrado Profissional em Letras/PROFLETRAS/UNEB, em Santo Antônio de Jesus – BA, a turma, dividida em grupos, criou peças teatrais, a partir dos gêneros literários abordados durante as aulas. Aqui selecionamos a peça “Memórias de

Dandara: uma história de superação”, em que o grupo construiu uma narrativa, com os gêneros – contos fantásticos, contos maravilhosos, diários e memórias.

A história começa com a apresentação do cenário, espaço lúdico, aconchegante para todos os espectadores, conforme a figura a seguir:

**Figura 1-** Cenário



Fonte: arquivo pessoal

A ideia do cenário é traduzir de forma objetiva uma proposta de memória com objetos que configuram um espaço-tempo de décadas anteriores. A pesquisa foi feita a partir da memória de um personagem, que traduzisse ao público um imaginário da infância com suas cores e objetos de uma forma simples e didática. A construção de um cenário pode ensinar muito ao aluno, sobre a construção de mundo pessoal e social, com suas características ligadas ao onírico dos personagens e às localizações onde se passam as histórias. É uma maneira de traduzir o imaginário de um texto em algo, tridimensionalmente, concreto.

A narrativa trata da história de uma menina negra, que foi adotada por Risonha, uma mãe branca, porque ela não podia ter filhos e a mãe biológica de Dandara, Felizarda, negra e pobre, não tinha condições financeiras de manter mais uma filha, entre os doze filhos. Então, por muita insistência, para satisfazer seu desejo materno, Risonha convence Felizarda – a mãe biológica, a doar a criança para ela, conforme a ilustração:

**Figura 2 – Risonha, Felizarda e Dandara**



Fonte: arquivo pessoal

Nesta experiência vemos adultos criando e encenando uma história que trata de aspectos sociais e pessoais, diretamente ligados ao contexto estudantil do grupo. O teatro é utilizado, neste momento, como meio de vivenciar processos biográficos inventados, mas que ajudam a refletir sobre conflitos de cada pessoa que se joga na cena através de um personagem.

Seguindo a narrativa, Dandara cresce e começa a questionar a mãe sobre a diferença entre elas:

Dandara: - Mãe, posso te fazer uma pergunta?

Risonha: - Claro que pode. Não temos segredo entre nós.

Dandara: - Por que somos diferentes?

Risonha: - Ora, filha... sou mais velha que você!

Dandara: - Não é isso. A senhora é dessa cor e eu sou pretinha.

Risonha: - Olha, filha. Tem coisas que você entenderá com o tempo. Depois te explico, pois você precisa dormir para acordar cedo para ir à escola amanhã. Pegue seu diário e anote os acontecimentos do dia [...].

Após orientação da mãe, Dandara começa a registrar seus pensamentos:

**Figura 3 – Dandara e seu Diário de Memórias**



Fonte: arquivo pessoal

Dandara: - Querido diário... hoje estou triste. Toda vez que pergunto a minha mãe sobre a diferença de cor existente entre nós, ela desconversa. Por que será?

Esta cena do diário é uma metalinguagem usada para descrever uma memória que está sendo encenada e valorizar, mais ainda, o sentido de introspecção do personagem na sua biografia. O contar cenicamente a história de um personagem, que representa o mesmo contexto do público presente e dos próprios intérpretes, cria uma cadeia de identificações entre vida e palco. Este identificar com a história e personagem é um dos momentos que mobiliza o aluno a aprender sobre a vida pelo fazer teatral.

Dando continuidade, passa-se mais algum tempo, Dandara volta a questionar a mãe porque elas eram tão diferentes e porque ela não ela não tinha amigos na escola, apenas, uma amiga, que estava de mudança para outra cidade. Então D. Risonha conta a verdade para Dandara, dizendo que ela foi adotada, pois sua mãe biológica era muito pobre e não tinha condições de sustentá-la, e que aquela moça, Felizarda, que toda semana ia visitá-la era sua mãe. Dandara fica surpresa, muito triste e não para de chorar... Eis que aparece a Fada Sorriso e começa a conversar com Dandara:

**Figura 4** – Fada Sorriso e Dandara



Fonte: arquivo pessoal

Fada Sorriso: - Por que estava chorando, linda menina?

Dandara: - Quem é você?

Fada Sorriso: - Sou a fada Sorriso. Espalho alegria por onde passo e, ao vê-la chorar, quis saber o motivo para te ajudar a sorrir novamente.

Dandara: - Ah, fada Sorriso. Estou tão triste. [...]

Fada Sorriso: - E eu também gosto de ti. Você não percebe a fortuna que tem em mãos? Teve uma mãe que, para te ver feliz e confortável, te deu a uma pessoa que sempre irá te amar. [...] Sei que gostas muito de ler. Deixa eu te mostrar um livro! Sabias que Dandara era o nome de uma princesa africana que muito lutou pela libertação de seus irmãos escravos? Esse livro fala sobre a história de crianças negras que superam o preconceito sofrido ao longo do tempo. Leia esse livro e veja como pessoas como ela e como você são importantes em nossa sociedade. Agora erga a cabeça, siga adiante e seja feliz. Não serás fácil, mas tu és mais forte do que imaginas.

O elemento fantástico de uma fada, que traduz sentimentos de conforto é algo que se fixou no imaginário de muitas crianças. O jogar com estes elementos dos contos facilitou o entendimento deste mergulho na memória do personagem – Dandara, que traz o significado de resistência dentro do tema de preconceito abordado.



O brincar com estes tipos de personagens do mundo lúdico libera o aluno das amarras racionais de uma explicação teórica e o coloca diante de uma experiência lúdica de viver superações pelo mundo fantástico do teatro.

E por fim, Dandara cresceu foi para Universidade, graduou-se em Letras, tornou-se professora e foi fazer pós-graduação no Programa de Mestrado Profissional em Letras/PROFLETRAS na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), onde fez vários amigos:

**Figura 5** – Dandara e sua turma no mestrado



Fonte: arquivo pessoal

Com a “arte os indivíduos ampliam o conhecimento de si próprios através da descoberta dos padrões e da natureza de seu sentir” no dizer de Duarte Jr. (2003, p. 66). Esta percepção possibilita uma tomada de consciência determinante do indivíduo no seu contexto social, evidenciando que a arte é um elemento fundamental na consciência global do indivíduo, na vivência familiar, na comunidade e na relação consigo mesmo.

É neste sentido que acreditamos que a prática de teatralizar histórias, colocando o aluno na vivência da ficção, gera um processo de descoberta de conteúdos mais complexo a serem abordados em aulas teóricas. Este descobrir pelo aprender faz o aluno mais ativo e a aula mais dinâmica, em que a ludicidade passa a ser um método e, também, constitui a própria atmosfera de aprendizagem.

Assim, o teatro apresentado pelas mestrandas do PROFLETRAS/UNEB mostrou, durante toda encenação, a colaboração, a solidariedade e os vínculos necessários para a realização de um trabalho que tivesse sentido pedagógico e socializador para todos.

## Considerações finais

A partir do exposto, constatamos que a teoria aliada à prática contribui para o ensino e a aprendizagem de maneira eficaz e dinâmica, na medida em que observamos o envolvimento, não só dos personagens em cena, como da plateia, quando solicitada a responder e a participar do enredo da história. A experiência vivida pela turma mostrou que a literatura, apresentada no gênero teatro, contribui para a reflexão dos acontecimentos cotidianos a partir da ludicidade.

Nesta perspectiva, na experiência cênica do espetáculo “Memórias de Dandara: uma história de superação” identificamos a interação/aproximação da turma de forma colaborativa, na construção das cenas.

Paralelamente, observamos quatro resultados de aprendizagens pedagógicas: *aprender a criar com originalidade* – o exercício de criar de forma diferenciada e única uma história levou as mestradas a descobrirem caminhos inusitados para o enredo, que mesclou elementos da realidade cotidiana com o imaginário fantástico dos contos infantis; *aprender a criar com a fluência da oralidade* – quando destacamos as falas, que as mestradas apresentaram durante o espetáculo, em que identificamos o valor da oralidade enquanto um dos elementos pedagógicos que une o teatro à literatura, pois cada fala de um personagem tem sua estrutura e pode ser usada como material didático em sala de aula; *aprender a criar com criticidade* – na análise que fizemos da experiência teatral, mostramos as reflexões culturais, sociais e políticas apontadas nas verbalizações das alunas; e *aprender a teatralizar conteúdos* – utilizando-se da ludicidade com seus aspectos afetivos e criativos na construção e descoberta de saberes pela experiência artística, em que as pessoas criam e recriam histórias de si e de outros.

De certo modo, a utilização do teatro, como estratégia pedagógica, pode levar os alunos a estabelecerem opiniões a partir de cada personagem e situação cênica vivida, além de tomarem consciência sobre suas potencialidades de seres criadores.

Dessa forma, vimos que a partir de uma experiência teatral com a Literatura Infantil e Juvenil, foi possível mostrar diferentes estratégias pedagógicas que são úteis para os professores no Ensino Fundamental II. Sabemos que as crianças e os jovens solicitam novos caminhos metodológicos animadores, que dinamizem o aprendizado, mostrando que a escola é um lugar do aprender com prazer, por meio da ludicidade que encanta pelo viver em afetividade e transforma pelo criar.

## Referências

BOAL, Augusto. **O teatro como arte marcial**. 1. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2003.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 32. ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

CÂNDIDO, Antônio. Vários Escritos. **O direito à Literatura**. 3ª Edição. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

COELHO, Nelly. Novaes. **O ensino da literatura**. São Paulo: FTD, 1966.

COSTA, S. R. **Dicionário de gêneros textuais**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

DUARTE JR., J. F. **O que é beleza**. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2003.

GUÉNOUN, Denis. **O teatro é necessário?** Trad. Fátima Saadi. São Paulo: Perspectiva, 2004.

MAKARENKO, Aston. S. **Acerca de la literatura**. Trad. Lydia Kuper de Velasco. Montevideo: Ediciones Pueblos Unidos, 1960.

MOSÉ, Viviane. **A educação**. 2010. Disponível em:  
<https://www.youtube.com/watch?v=2UW8eeFxcMA> Acesso em: 29 de julho de 2017.

ROGERS, Carl. **Tornar-se pessoa**. Lisboa: Moraes Editores, 1961.

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança**. Trad. Cristina Carvalho. Lisboa: Edições, 2005.